

MILENA NEPOMUCENO

FORMAÇÃO DO CURADOR NOS FESTIVAIS DE CINEMA

CELACC/ECA-SP
2014

MILENA NEPOMUCENO

FORMAÇÃO DO CURADOR NOS FESTIVAIS DE CINEMA

Trabalho de conclusão do curso de especialização em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos sob a orientação do Profa. Bernardete Toneto

CELACC - Centro de Estudos Latino- Americanos sobre Cultura e Comunicação
Universidade de São Paulo

2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais por terem me ajudado durante todos os anos da minha vida profissional e acadêmica. Eles sempre me apoiaram nas minhas decisões e estiveram ao meu lado nos grandes momentos. Aos meus amigos pelas noites de discussão sobre o mercado profissional e cultural. Aos entrevistados que me deram o suporte e tempo para responder as inúmeras perguntas sobre cinema, festival e curadoria. Aos professores do Celacc por todo o apoio e aprendizado.

FORMAÇÃO DO CURADOR NOS FESTIVAIS DE CINEMA

Milena Nepomuceno¹

RESUMO

Em festivais ou exposições de filmes é necessário que a escolha dos participantes ou exibição passe por um processo de curadoria feita por um curador. Ser um curador implica em muito conhecimento teórico, pesquisa, estilo e se possível a capacidade de ver e propor algo que vá bem além do óbvio ou do efêmero dia a dia. Discutir a curadoria como uma atitude profissional e como é a formação da profissão dentro de uma sociedade frequentadora de festivais é o tema do presente artigo. Através de estudos, entrevista com importantes curadores dos festivais “Mostra de Cinema de Tiradentes” e “Festival de Finos Filmes Curtas”, o artigo buscará apresentar de forma clara como se dá o estudo da curadoria e como é o trabalho do mesmo perante uma sociedade que ainda está aprendendo o exercício da profissão.

Palavras-chave: Cinema, Curadoria, Festival, Filmes, Curador

ABSTRACT

At festivals or exhibitions of films is necessary that the choice of participating or viewing go through a process of curation by a curator. Being a healer implies much theoretical knowledge, research, style, and if possible ability to see and propose something that goes well beyond the obvious or the ephemeral every day. Discuss curation as a professional attitude and how the formation of the profession within a festival go the society is the subject of this article. Through studies, interviews with prominent curators of film festivals "Mostra de

¹ Formação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, na Universidade Presbiteriana Mackenzie e cursando Pós Graduação - Lato Sensu em Gestão de Projetos Culturais e Eventos, na Universidade São Paulo.

Cinema de Tiradentes" and "Festival de Finos Filmes Curtos ", the article will seek to give a clear and give up the study of curation and how is the work of even before a society that is still learning the profession.

Keywords: Cinema, Curation, Festival, Films, Curator

RESUMEN

En los festivales o exposiciones de películas es necesario que la opción de participar pasar por un proceso de curación por un curador. Al ser un sanador implica mucho conocimiento teórico, la investigación, el estilo, y si es posible capacidad de ver y proponer algo que va mucho más allá de lo obvio o lo cotidiano efímero. Discuta la curaduría como una actitud profesional y cómo la formación de la profesión dentro de una sociedad participativa es el tema de este artículo. A través de estudios, entrevistas con destacados curadores de festivales de cine “Mostra de Cinema de Tiradentes” y “Festival de Finos Filmes Curtas”, el artículo se pretende dar una clara y abandonar el estudio de la curación y cómo es el trabajo de incluso antes de que una sociedad que todavía está aprendiendo la profesión.

Palabras cable: Cinema, Curación, Festival, Películas, Curador

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	07
2. FESTIVAL DE CINEMA NO BRASIL.....	08
3. TRABALHO E FORMAÇÃO DO CURADOR.....	10
4. FESTIVAL DE CINEMA E CURADOR.....	14
5. CONCLUSÃO.....	16
6. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	17

1. INTRODUÇÃO

“Curar”, nos ensina o dicionário, é cuidar, ter cuidado. Esse trabalho começa, quase sempre, por trabalhar o próprio artista ele mesmo. O artista é aquele que produz arte e faz dela algo maior. É por isso que o curador tem tanta importância, porque ele é a ponte entre a crítica – ou seja, a reflexão intelectual sobre uma produção artística – e o mercado consumidor, mas sobretudo no sentido mais amplo de circulação social dos bens culturais. Por isso, entendo que na condição de mediador cultural, o curador assume uma função social. Meu objetivo aqui é justamente tecer algumas considerações, dentro da área específica do cinema, sobre a formação do curador e o trabalho dele como prática em festivais. Nesse sentido, apresento um conjunto de observações que buscam em primeiro lugar apresentar o significado da curadoria em cinema e na sequência explorar o trabalho de formação do curador.

Os festivais e mostras audiovisuais, de um modo geral, são partes importantes da cadeia produtiva cinematográfica. “Estudos demonstram que, onde acontece um festival, além da exibição, há também formação, reflexão, promoção, intercâmbio cultural, diversidade, articulação política e setorial, reconhecimento artístico, ações de caráter social (...)” (LEAL; MATTOS, 2010). Cumprem estes eventos, portanto, o papel da diplomacia cultural, campo que trabalha os fatores culturais nas relações internacionais com o intuito de conquistar, descartando o uso da força. Mais do que expandir a cultura de um único país, a diplomacia cultural tem por essência a observação do outro, e seu êxito depende do diálogo intercultural e do respeito mútuo (DiploFoundation *apud* Saddiki, 2009).

Para dar voz ao artigo, irei apresentar conversas com grandes curadores de festivais como a “Mostra de Cinema de Tiradentes”, que esse ano apresentou sua 17ª edição esse ano na cidade que leva o nome, e “Festival de Finos Filmes Curtos”, em sua primeira edição na cidade de São Paulo, apresentando o início da carreira de curadoria. Dentro dessas entrevistas, o foco se dá na interação curador, formação e realização. E a partir desse recorte tornar possível o entendimento da temática de formação de curadores de festivais e como eles se enquadram na sociedade atual.

O estudo da curadoria de cinema dentro das universidades ainda é pouco explorado e para entender a formação do mesmo, o artigo irá apresentar a fala de professor e curador de festivais de cinema. Com isso, buscará a compreensão e entendimento da profissionalização. A discussão aqui presente é para entender como a profissão é apresentada a sociedade, uma

vez que não existe um curso de formação e tampouco a profissionalização da mesma, mesmo diante um público consumidor de festivais e assíduos pela cultura provinda deles.

2. FESTIVAL DE CINEMA NO BRASIL

De acordo com o Kinoforum² existem mais 101 festivais de cinema pelo país. Para a Ancine³, “o estímulo à exibição cinematográfica e a possibilidade de levar o cinema e a produção audiovisual até o público nas cidades mais distantes dos grandes centros são também objetivos de realizadores de mostras e festivais” e todas essas exibições de filmes sejam em grandes festivais ou cineclubes precisam passar por um processo de escolha. Alguns festivais dão a oportunidade dos produtores, diretores escrevem seu projeto, outros passam por uma seleção, porém em ambos os casos os filmes escolhidos são colocados numa triagem da equipe de curadoria de cinema. Em 2006, o Fórum dos Festivais, com apoio do Ministério da Cultura e coordenação de Antonio Leal e Tetê Mattos, produziu um diagnóstico setorial dos festivais brasileiros de cinema (nacionais e internacionais) no qual se constatou que de 1999 a 2006 o número de eventos audiovisuais (mostras e festivais de vídeo e cinema com proposta de periodicidade regular) triplicou, saltando de 38 para 132 (LEAL; MATTOS, 2009).

A curadoria estabelece um recorte na obra de um artista, tanto quanto imaginar um evento da Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, elaborar sua estrutura, identidade visual, estratégia de divulgação na mídia, articulação com os demais setores produtores de cultura no país. O desafio de realizar uma curadoria é expor e fomentar a discussão sobre a produção audiovisual contemporânea. Portanto, quer em um grande evento quanto no trabalho de programar um único centro cultural ou administrar uma carteira de artistas, cabe ao curador sempre fazer uma ponte entre o público e a obra, viabilizando a circulação desta. O curador é, então, sobretudo, um tradutor para o mercado como um todo e para o público em geral do sentido maior de uma determinada produção artística.

Para o entendimento da problemática entorno da formação do curador em mostras e festivais de cinema, conversei com dois profissionais da área via telefone, email e fui à busca de matérias publicadas sobre ambos. Assim como quando se fala do tema em universidades, conversei via email com o professor Marcelo Miranda.

²Associação Cultural Kinoforum, entidade sem fins lucrativos, realiza atividades e projetos e apoia o desenvolvimento da linguagem e da produção cinematográfica com destaque para a promoção do audiovisual brasileiro.

³Agência Nacional de Cinema, 2014.

Em sua primeira edição na cidade de São Paulo, o “Festival de Finos Filmes Curtos”, idealizado por Felipe Poroger e Quico Meirelles passou pela experiência de selecionar filmes, pensar em temática e criar um novo festival. O projeto, realizado entre os dias 13 a 18 de maio de 2014, foi composto por uma mostra competitiva de curtas universitários - ou de realizadores formados a partir de 2011- nacionais e duas seções informativas. Para a idealização do mesmo, participantes podiam inscrever filmes de até 20 minutos, de qualquer tema, gênero e formato, contanto que seja finalizado digitalmente e realizado por universitários via email. Os cineastas, além de idealizadores foram os responsáveis pela curadoria e seleção dos filmes participantes e concorrentes. Foram selecionados dez filmes para participar da mostra competitiva de curtas-metragens brasileiros, que estivessem de acordo com as tendências sobre as quais a nova geração cinematográfica caminha. Além da seção competitiva, o evento promoveu a Mostra de Curtas-Metragens Internacionais e a mostra paralela Fina e Curta Seleção dos Curadores, com obras nacionais e estrangeiras que podem ou não ter participado de festivais anteriores. Os curtas concorreram a prêmios nas categorias Melhor Filme, no valor de R\$ 3 mil; Melhor Diretor e Melhor Roteiro, ambos no valor de R\$ 1,5 mil cada. Os filmes do festival foram exibidos em três lugares da cidade de São Paulo: nas dependências do Museu da Imagem e do Som (MIS), na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) e no cinema da Universidade de São Paulo (USP) no período de 14 de abril desse ano.

Consolidada como a maior plataforma de lançamento do cinema brasileiro independente, a Mostra de Cinema de Tiradentes, em sua 17ª edição, foi realizada na cidade histórica mineira entre os dias 24 de janeiro e 1º de fevereiro de 2014. O festival é visto por inaugurar o calendário audiovisual no Brasil, apresentando ao público mais de 100 filmes em pré-estreias nacionais e mundiais, oficinas, debates, seminário, exposições, lançamento de livros, teatro de rua, shows musicais, performance, encontros e diálogos, atrações artísticas numa programação abrangente e oferecida gratuitamente para um público estimado em mais de 35 mil pessoas. A temática central desta edição colocou em evidência os “Processos Audiovisuais de Criação”. A ideia surgiu da percepção de que essa produção inventiva apresentada anualmente nas telas de Tiradentes tem se mostrado cada vez mais moderna e original não apenas na maneira de se apresentar na tela e aos olhos do espectador, mas também nos bastidores e nos sets de filmagem. A curadoria da Mostra levou o nome de Cléber Eduardo, jornalista, formado em ciências sociais, crítico de cinema e realizador em parceria com Ilana Feldman do curta *Almas Passantes*.

Os dois festivais apresentados acima têm como característica o formato de exibição. Ambos apresentam curtas metragens, mas se diferem na proporção e idealização. Enquanto a “Mostra de Cinema de Tiradentes” está consolidada na esfera cinematográfica, o “Festival de Finos Filmes Curtos” ainda caminha e pretende se tornar referência para jovens cineastas que buscam espaço de exibição no mercado do audiovisual.

3. TRABALHO E FORMAÇÃO DO CURADOR

O trabalho do curador não se limita à reunião das peças, pelo contrário. Essas coleções só adquirem seu pleno sentido quando classificadas, ordenadas e disponibilizadas para consumo público. Há aí um enorme trabalho interdisciplinar a ser feito, antes que o curador possa dar o passo seguinte, que é o de proceder a recortes para dar visibilidade a conteúdos que talvez se percam no emaranhado de informações visuais de uma grande coleção. E seguir adiante, buscando a melhor forma de divulgar esse acervo, em exposições permanentes, ou temporárias, através de meios eletrônicos ou pela publicação de livros, cartazes e outras peças promocionais.

Diante dessa incursão e necessidade de curadores nos festivais de cinema, viu-se um processo de profissionalização da função, porém não existem faculdades ou mesmo cursos específicos para a inserção dos profissionais no mercado. Em conversa com Marcelo Miranda, jornalista formado pela Universidade Federal de Juiz de Fora, crítico de cinema e repórter do jornal “O Tempo” e também crítico da revista eletrônica “Filmes Polvo”, ele acredita que essa disciplina ainda não é explorada pelas universidades pela falta de conhecimento da própria academia sobre a importância do trabalho de curadoria e mesmo sobre sua definição. Para ele, é algo que ganhou mais importância e visibilidade nos últimos anos, além de não haver referências bibliográficas que embasem uma disciplina. Marcelo Miranda também foi um dos curadores da Mostra Competitiva Brasileira do Festival Internacional de Curtas de Belo Horizonte nos anos de 2007 e 2008, e acredita que o curador se profissionaliza atuando.

No Brasil, a grande maioria dos curadores e selecionadores em festivais de cinema trabalham com crítica, ensino, jornalismo ou pesquisa. Daí, os coordenadores os convidam para selecionar filmes, em alguns casos sozinhos, em outros integrando algum grupo heterogêneo. Se o trabalho chama atenção de alguma maneira, é comum a mesma pessoa ser chamada para selecionar filmes em outros eventos ou, em alguns casos, permanecer no mesmo evento em edições posteriores.⁴

⁴ Entrevista cedida via telefone com Marcelo Miranda para artigo.

Em entrevista ao Jornal Diário do Nordeste⁵ o curador da “Mostra de Cinema de Tiradentes” Cleber Eduardo explica que a profissão de curador ainda é nova no Brasil e que antes os responsáveis pelas escolhas dos filmes era uma comissão de seleção. A partir de tais elementos, busca-se entender como se dá a formação de um curador, ou seja, quais as matérias, faculdades ou mesmos cursos necessários para se administrar um festival, seja ele de grande ou pequeno porte. E conclui-se, a partir das palavras de Marcelo Miranda que essas disciplinas não existem nas faculdades ou em cursos profissionalizantes, mas sim que tudo deriva da própria experiência do profissional ou em casos iniciantes, como dos jovens Felipe Poroger e Quico Meirelles que criaram o próprio projeto.

Em outra entrevista cedida a Revista Cinética⁶ o curador Cleber Eduardo aponta que

além do conceito, tem de estabelecer os seus critérios, ele vai se responsabilizar. Em uma comissão de modo geral, não se vê ela se justificando, dizendo porque escolheu ou porque não escolheu, que é tudo que estou fazendo aqui e que também o que está no catálogo. Eu não tenho conhecimento de nenhum festival de cinema brasileiro que tenha um catálogo em que o curador se explique durante algumas páginas sobre seus critérios para escolher aquela composição de filmes, ou mesmo que a comissão explique seus critérios. Apenas se seleciona e pronto, e quando se vai reclamar da seleção, seja a crítica ou seja os realizadores, não se tem de quem reclamar porque é um grupo, e esse grupo não tem identidade e o critério de escolha não é de uma pessoa e não é de grupo também, porque é uma questão de voto às vezes. Não existe uma justificativa conceitual, é simplesmente uma questão de gostar mais ou gostar menos. O membro da comissão sempre pode justificar uma não inclusão polêmica ou uma seleção contestada jogando a responsabilidade nas costas dos demais da comissão. Nós não. A responsabilidade é nossa e temos de assumi-la, como fazemos quando escrevemos nossas críticas. A curadoria tem assinatura. Não que as pessoas das comissões não trabalhem com conceitos, mas isso não vem à tona, não se torna público.

Todo festival têm, assim, caráter de amostragem e, na prática, essa é sua maior atribuição: selecionar os trabalhos mais representativos de um mesmo momento histórico, dentre aqueles inscritos para participar da programação. Mas existem festivais também empenhados em valorizar a importância de seus prêmios e ressaltar a sociedade através de documentários, curtas ficcionais ou não e assim, mostrar um pouco do país ou colocar algum tema em voga. O curador como papel central na escolha e difusão dos filmes, deve estar consciente das suas escolhas e como isso vai influenciar o público participante.

⁵ Matéria cedida ao Jornal Diário do Nordeste. Educando o público - Cleber Eduardo - Curador da Mostra de Cinema de Tiradentes.

⁶ Entrevista cedida a Revista Cinética. Disponível em: <http://www.revistacinetica.com.br/entrevistatiradentes1.htm>

Analisando números da Mostra Internacional de Cinema, publicados no site Visite São Paulo, percebe-se que todo ano mais de 200 mil pessoas são impactadas com os filmes exibidos nesse festival. O pensador Walter Benjamin acreditava que a democratização da produção e da recepção da arte eram tendências intrínsecas ao meio, e as considerava progressistas. O filme serve para exercitar o homem nas novas percepções e reações exigidas por um aparelho técnico cujo papel cresce cada vez mais em sua vida cotidiana. Fazer do gigantesco aparelho técnico do nosso tempo o objeto das inervações humanas – é essa a tarefa histórica cuja realização dá ao cinema o seu verdadeiro sentido (BENJAMIN, 1987, p.174). Nessa perspectiva Benjamin elege o cinema como a forma de arte que corresponde mais adequadamente ao homem moderno, precisamente porque afeta os homens em uma sensibilidade já transformada pelos cotidianos da vida moderna. E a partir daí, busca-se entender o papel do curador nessa formação do homem contemporâneo perante a imersão cinematográfica.

Os festivais e mostras audiovisuais, de um modo geral, são partes importantes da cadeia produtiva cinematográfica, pois se trata de manifestações legítimas da vontade da sociedade civil em dialogar com o outro, e encontram na cultura não apenas seus meios, mas sobretudo seus fins. É a diplomacia cultural da sociedade civil, que não trabalha indiretamente para o governo, pois utiliza fundos de recursos culturais e mecanismos de renúncia fiscal para viabilizar financeiramente estas realizações. E nesse quadro de diplomacia cultural, vê-se o papel importante do curador em analisar, mensurar e dar voz às implicações da sociedade com suas escolhas e cronograma de filmes nos festivais e exposições.

Iniciante na carreira de curadoria e idealização de festivais, Felipe Poroger ainda é um nome pouco conhecido no mundo cinematográfico. A primeira edição do “Festival de Finos Filmes Curtos”, realizado em São Paulo é visto como um evento voltado a produções universitárias, mas destinado a cineastas iniciantes. A inspiração surgiu, como ele mesmo define, de como de forma “despretensiosa”. Em conversa com o jovem cineasta, é possível sentir a ambição e mesmo a vontade de crescimento na idealização de projetos voltados ao mercado audiovisual. Ele afirma que a ideia surgiu conversando e brincando sobre cinema, mas que seu interesse pela sétima arte é antigo. Felipe conta que desde pequeno sempre foi espectador e que na adolescência, achava que o fato de ter assistido alguns filmes significava entender do assunto. A carreira de Felipe Poreger começou aos poucos e agora ele está abrindo suas criações ao público, com curta-metragem “*O Filho Pródigo*” criado por ele. O curta estreou em abril deste ano no Cine PE Festival Audiovisual, onde recebeu o prêmio de Melhor Roteiro na Mostra Curta Brasil, e também foi premiado com o troféu de melhor ator e

melhor atriz. Em 2011, com apenas 20 anos, Felipe participou do júri popular do 39º Festival de Gramado. A oportunidade veio por meio de um concurso cultural promovido pelo Estado de São Paulo, quando Felipe ainda estava no terceiro ano do curso de cinema da Faap. Segundo ele, ter participado do júri foi um grande incentivo para insistir na carreira, uma vez que estar na cidade respirando filmes 24h por dia o fez pensar em como seria estar na posição oposta, como realizador.

Pensando na falta de espaço para aqueles que estão começando a carreira no mundo do cinema, o “Festival de Finos Filmes Curtos” surge como uma oportunidade para cineastas iniciantes. Para atuação de curadoria e escolha cerca de 330 obras foram analisadas e para Felipe Poroger não houve muita problemática. Só podiam participar filmes feitos dentro de universidades ou por pessoas que se formaram há pouco tempo, todos com no máximo 20 minutos e muita história para contar. Os filmes foram selecionados por ele e por Quico Meirelles, filho do cineasta Fernando Meirelles. Ainda na discussão da profissionalização da curadoria, Felipe repete o que foi apresentado por Marcelo Miranda. Poroger não teve a disciplina na curadoria na universidade que cursou e tampouco foi feita alguma extra classe sobre o assunto, mas ele não viu isso como um empecilho na hora da criação e mesmo seleção dos filmes para o festival. Para ele a vivência e amor pelo cinema foi a questão mais predominante na seleção dos participantes e delimitar um corte. Para selecionar os filmes, Felipe e Quico seguiram uma linha lógica: apenas os universitários teriam potencial para estarem dentro do festival. E essa delimitação ajuda e é necessária para muitos festivais poderem filtrar os filmes que irão participar das mostras.

O evento de Felipe reuniu um total de 25 curtas-metragens brasileiros e estrangeiros, produzidos por realizadores iniciantes.

Há muitos que gostariam de usar o cinema para se expressar, mas não têm condições. Fazer filme é caro, ir ao cinema está cada vez mais caro; o audiovisual é, por definição, restritivo. Quanto mais espaço puder ser aberto para a difusão de produtos culturais é melhor. Da mesma forma que o mercado cinematográfico segue cada vez mais capitalizado, me questiono sobre aqueles que estão produzindo cinema. Estou certo de que falta incentivo, claro, mas tenho dúvidas se, aos que o acaso premiou com certa sustentação financeira, não falta também dedicação e disposição para estudar. Como qualquer outro ofício, fazer bom cinema é um esforço imenso. Uma atividade que ultrapassa as suas próprias fronteiras; invade a literatura, o teatro, as artes plásticas.⁷

⁷ Entrevista cedida pelo cineasta Felipe Poroger para o Portal Tela Brasil. Maio, 2014.

Em “*A economia das trocas simbólicas*”, Pierre Bourdier entende o sistema de produção e circulação de bens simbólicos como um sistema de relações objetivas entre instâncias definidas por sua vez por sua função na divisão do trabalho de produção e reprodução de bens simbólicos. E o campo de produção deriva sua estrutura em uma oposição específica, de um lado, o campo de produção erudita destinado a um público de produtores de bens culturais e, de outro, o campo da indústria cultural destinado a não-produtores de bens culturais. Thompson (2001) acrescenta que os fenômenos culturais estão implicados em relações de poder e conflito; isto é, as ações e manifestações verbais do dia a dia, assim como fenômenos mais elaborados, tais como rituais, festivais e obras de arte, são produzidos ou realizados em circunstâncias sócio-históricas particulares, por indivíduos específicos providos de certos recursos e possuidores de diferentes graus de poder e autoridade. Essas falas exemplificam como a ação do curador reflete na vida dos receptores dos filmes selecionados nos festivais e como eles o recebem na sociedade atual como formadores de cultura. As contribuições de Bourdieu e Thompson sobre a concepção política de cultura para elucidar os significados subjacentes às estratégias utilizadas por colaboradores para atribuir valor à missão e aos objetivos de uma determinada organização sob estudo. Bourdieu (2005) privilegia as funções sociais cumpridas pelos sistemas simbólicos, as quais tendem, no limite, a se transformarem em funções políticas. Dessa forma, o autor tenta compreender a combinação singular que tais sistemas trazem para a reprodução e a transformação da estrutura social. O que Bourdieu pretende é retificar a teoria do consenso dos interacionistas simbólicos - cuja eficácia reside na possibilidade de ordenar o mundo natural e social por meio de discursos, mensagens e representações, que não passam de alegorias que simulam a estrutura real de relações sociais - por uma concepção teórica capaz de revelar as condições materiais que presidem a criação e a transformação de aparelhos de produção simbólica, cujos bens deixam de ser vistos como meros instrumentos de comunicação e de conhecimento.

4. FESTIVAL DE CINEMA E O CURADOR

A cidade de Tiradentes, localizada a 180km de Belo Horizonte e com apenas 7 mil habitantes, recebe desde 1997 a “Mostra de Cinema de Tiradentes” com toda infra-estrutura necessária para sediar uma programação cultural abrangente e gratuita, que reúne todas as manifestações da arte. A “Mostra de Cinema de Tiradentes” é um festival cinematográfico realizado através do patrocínio de empresas públicas e privadas através das leis federal e estadual de incentivo a cultura. Com o objetivo de incentivar e difundir o cinema brasileiro, é

aberto a possibilidade de qualquer produção nacional se inscrever para a seleção. Além da mostra, o evento dispõe de oficinas, debates, seminários, shows musicais. São homenageados durante o evento, diretores e atores que imprimiram a sua identidade na história do cinema brasileiro. Apesar de ter crescido bastante nos últimos anos, a Mostra de Tiradentes manteve-se exibindo exclusivamente produções nacionais e não distribuindo prêmios em dinheiro. A Mostra concede apenas o Troféu Barroco para o melhor filme segundo o júri popular.

Com programação dedicada à reflexão sobre os atuais processos audiovisuais de criação, o evento no ano de 2014 homenageou o ator Marat Descartes e exibiu 134 produções brasileiras. Todas as sessões do festival são gratuitas, algo que, para o curador Cléber Eduardo, deveria ser regra em todos os eventos do tipo. Também realizador cinematográfico - dirigiu curtas, como *Almas Passantes*, em parceria com Ilana Feldman-, Cleber sempre se propôs a pensar o cinema. Como professor, leciona Teoria do Audiovisual e orienta monografias no Bacharelado em Comunicação Audiovisual do Senac-SP. Como jornalista, já foi redator da revista “Contracampo”, editou a revista “Cinética” e foi crítico da revista “Época”. Diz ser um pouco dos dois – professor e crítico – na escolha anual das produções que compõem a Mostra de Tiradentes, sob sua curadoria desde 2007. Cléber conta que desde que assumiu a curadoria do festival se propôs realizar uma programação centrada nos jovens que iriam se multiplicar com a expansão do digital, com isso, criou a Mostra Aurora, uma mostra competitiva só para os novos realizadores, como uma forma de criar um holofote para essa geração. É uma programação que faz pouca concessão ao público, mas que acabou criando uma audiência que se habituou a esse tipo de filme - mais ousado, mais barato e feito por jovens. Isso fez com que a Mostra de Tiradentes se tornasse um centro de discussão sobre o cinema jovem brasileiro.

Quando se trata de falar em curadoria, Cléber exibiu sua versão de gostar de conhecer quem são as pessoas que pensam a seleção nos festivais.⁸

Falando como curador e como alguém que acompanhava processos de seleção antes: sempre achei muito estranho ir a festivais e não ter certeza de quem tinha selecionado os filmes. Por exemplo: a ideia de uma comissão de seleção que alterna 5 ou 6 selecionadores a cada ano tem alguns problemas. Um deles é você não ter uma continuidade de olhar. Se sou da comissão, sempre posso dizer: “ah, gostaria de ter escolhido tal filme, mas perdi na votação final”. É um senso de democracia que, por um lado, traz mais olhares participando, mas, por outro, não aponta uma figura que assuma a programação. Em Tiradentes, para o bem ou para o mal, sempre

⁸ Entrevista cedida por Cléber Eduardo para Portal Cine Festivais. Janeiro/2014

haverá alguém para falar sobre os critérios, os recortes, os enfoques, o que tudo aquilo significa, explicando por que aqueles filmes foram escolhidos.

A proposta curatorial de Tiradentes está muito ligada à realidade do mercado cinematográfico brasileiro, repleto de filmes realizados com baixo orçamento e equipes reduzidas. No ano de 2014 o tema da Mostra foi Processos Audiovisuais de Criação que rendeu três mesas de debate só em torno dela. Além disso, foram promovidos outras discussões e praticamente todos os longas analisados em uma mesa que contou com o realizador e com um crítico de cinema. A proposta deste ano, segundo Cléber veio de algo que vem percebendo há anos: os novos processos embasados em fazer filmes em coletivos, sem roteiro, em formato digital, entre outras coisas e saindo do que é o convencional da produção cinematográfica no Brasil.⁹

A origem da proposta varia: ou ela vem dos filmes ou sai de questões que estão circundando a produção mais jovem, mas não puderam ainda não receberam tratamento analítico. Nos últimos, as propostas estão se coligando. No ano passado, falamos da produção fora dos pólos principais: Rio de Janeiro e São Paulo. Mais da metade da produção inscrita era de outros estados. Isso aconteceu pela primeira vez na Mostra Tiradentes, talvez pela primeira vez em um festival brasileiro, e também se relaciona com os novos processos de criação.

A visão curatorial de Cléber Eduardo vem do trabalho como crítico e está entrelaçado com o trabalho como professor, que demanda muito de sua carga horário nos dias atuais. Para ele quando se trabalha em curadoria, no primeiro momento, quando se está vendo os filmes o crítico está presente. E isso é um trabalho de avaliação, de análise, de tentar colocar aquilo dentro de uma perspectiva histórica e estética. Mas, para organizar o recorte, entra mais o olhar de professor, através do qual precisa, independentemente do gosto pessoal, entender o que esse conjunto de filmes revela do cinema brasileiro de hoje. Essa parte já está relacionada a um olhar de entendimento sobre o panorama dos filmes. Já o olhar do curador estimula mais um trabalho de compreensão do que um trabalho de avaliação.¹⁰

A função que eu tenho, e que os curadores de cinema deveriam ter, é a de serem transmissores, organizadores, mas sem a imposição de uma visão, porque aí o curador vira artista, autor. Isso é uma coisa a se evitar. Por exemplo, durante a Mostra eu evito estar nas mesas de debates. Participo da mesa inicial, sobre o festival, mas depois a mostra anda e a curadoria se retira, ela não pode querer

⁹ Entrevista cedida por Cléber Eduardo para Portal Cine Festivais. Janeiro/2014

¹⁰ Entrevista cedida por Cléber Eduardo para o Portal Cine Festivais. Janeiro/2014.

controlar os discursos, deve deixar a coisa andar. Depois disso o curador não tem mais nada a fazer, será um espectador daquilo que ele ajudou a propor. Quem falará sobre os filmes serão os próprios realizadores, que podem, inclusive, ter um discurso completamente oposto ao meu.

A crítica e a produção cinematográfica são geralmente objeto de discussão na conjuntura atual, enquanto por não ser uma profissão regulamentada e por muitos festivais não manterem os mesmos nomes na seleção de filmes de ano a ano, a profissão de curadoria é pouco fomentada nesse âmbito. Isso culmina ainda mais porque não existe uma formação para tal. O jornalista Marcelo Miranda esclarece que na sua maioria os curadores são profissionais das áreas de crítica de cinema, ensino acadêmico, pesquisa, técnica e jornalismo. Ou seja, a formação vem de outras áreas e desemboca na curadoria.

5. CONCLUSÃO

O mercado cinematográfico no Brasil está em constante crescente e o desafio de realizar uma curadoria é expor e fomentar a discussão sobre a produção audiovisual contemporânea. Nesse artigo, o curador aparece como fonte principal do entendimento da sua profissão, uma vez que propõe recortes em conjunto de obras que talvez não tenham ocorrido sequer ao próprio artista, associa obras que podem ser até contraditórias, traz à tona outras que, para muitos, podem parecer até irrelevantes, criando assim um conjunto que se constitui em uma proposta de diálogo entre o público e o que marca um determinado momento cultural e artístico. Portanto, é necessário que ele diálogo fomente a inserção à cultura, ao debate e a comunicação entre públicos. Diante disso, busca-se entender como esses curadores se formam e como transcendem a ideia de simples exibição cinematográfica.

Entende-se o papel do curador como fomentador e propagador da cultura vigente no festival em questão, e percebe-se sua importância nesse meio. O que resulta dessa pesquisa é sua formação pela própria vivência no mercado cinematográfico. Não se formam curadores, mas tornam-se pelo estudo, pesquisa e atuação na área. Vimos duas diferentes formações: um de um jovem cineasta que é apaixonado pelo que faz e quer colocar em prática seus aprendizados e criar um festival para outras pessoas que assim como ele estão começando. Já outro festival consolidado no espaço e é a porta de entrada para outros importantes festivais e exibição no país. Julgar qual deles é mais eficiente no quesito curadoria não vem ao caso, mas sim como se deu a formação deles: com estudo e dedicação de ambos curadores.

O que deveria se colocar em questão é se não cabe as universidades formarem curadores e incluírem na grade curricular uma disciplina com o tema, para se discutir e

fomentar o estudo em cima do assunto. Dados mostram o quanto de pessoas consomem cultura através de exposições, festivais e cineclubes e o como a participação do selecionador e idealizador é importante para o fomento do mesmo. A pesquisa e problemática vai além das salas de aula, passa pelos festivais e chega até o espectador.

6. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANCINE. A importância dos Festivais e Mostras de Audiovisual. Disponível em: <http://www.ancine.gov.br/conteudo/import-ncia-dos-festivais-e-mostras-de-audiovisual>. Acessado em 08/04/2014.

ANCINE. Festival de Finos Filmes Curtos recebe inscrições de curtas universitários. Disponível em: <http://www.ancine.gov.br/sala-imprensa/noticias/festival-de-finos-filmes-curtos-recebe-inscri-es-de-curtas-universit-rios>. Acessado em 07/08/2014.

ANDRADE, Raphael de Jesus Campos de; LIMA, Rosa Cristina Ribeiro; IPIRANGA, Ana Sílvia Rocha. Estratégias de valorização simbólica dos propósitos organizacionais: o caso do programa Crediamigo. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122010000300010. Acessado em 24/04/2014.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: _____. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CINEFESTIVAIS. Festival “de jovens para jovens”, evento gratuito exhibe curtas em São Paulo. Disponível em: <http://cinefestivals.com.br/festival-de-finos-filmes-curtos-tem-primeira-edicao-em-sao-paulo/>. Acessado em 07/08/2014.

CINEFESTIVAIS. Todo festival deveria ser gratuito, diz curador de Tiradentes. Disponível em: <http://cinefestivals.com.br/todo-festival-deveria-ser-gratuito-diz-curador-de-tiradentes/>. Acessado em 07/08/2014

DADOS DA CIDADE. Visitantes nos eventos da cidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.visitesaopaulo.com/dados-da-cidade.asp>. Acessado em 08/04/2014.

DIÁRIO DO NORDESTE. Cleber Eduardo - Curador da Mostra de Cinema de Tiradentes. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/cleber-eduardo-curador-da-mostra-de-cinema-de-tiradentes-1.731850>. Acessado em 08/04/2014.

LEAL, Antonio; MATTOS, Tetê. O papel dos festivais no Brasil (2010). Disponível em: <http://www.cenacine.com.br/?p=6070>>. Acessado em 09/04/2014.

LEAL, Antonio. *Festivais Audiovisuais Brasileiros: um diagnóstico do setor*. Quinto Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Salvador, Faculdade de Comunicação/UFBA, 2009.

MINISTÉRIO das Relações Exteriores. Difusão Cultural. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/temas/difusao-cultural/cultura>>. Acessado em 09/04/2014.

ORELLA, Carlos. Resemja de Economia das trocas simbólicas. Disponível em: http://www.academia.edu/5129498/Resenha_de_Economia_das_Trocas_Simbolicas_bourdieu_capital_campos. Acessado em 24/04/2014.

PORTAL TELA BRASIL. Felipe Poroger, um dos idealizadores do Festival de Finos Filmes Curtos, é também um cineasta iniciante. Disponível em: <http://www.telabr.com.br/noticias/2014/05/14/felipe-poroger-um-dos-idealizadores-do-festival-de-finos-filmes-curtos-e-tambem-um-cineasta-iniciante>. Acessado em 07/08/2014.

TERNES, Andressa Saraiva. A diplomacia cultural dos festivais latino-americanos de cinema. Disponível em: <http://mundorama.net/2012/02/24/a-diplomacia-cultural-dos-festivais-latino-americanos-de-cinema-por-andressa-saraiva-ternes>. Acessado em 09/04/2014.

THOMPSON, John B. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2001.

REVISTA CINÉTICA. Configurando um panorama - a curadoria da Mostra de Tiradentes. Disponível em: <http://www.revistacinetica.com.br/entrevistatiradentes1.htm>. Acessado em 08/04/2014.

SADDIKI, Said. El papel de La diplomacia cultural en las Relaciones Internacionales. *Revista CIDOB d'Afers Internacionals*, n. 88, 2009, p. 107-118.